

CORPO, MICROPOLÍTICA E SUBJETIVIDADE: UMA ANÁLISE DA PERFORMANCE DE NEY MATOGROSSO NO CINEMA

Luca Felipe de Almeida¹, Luana Wasiak¹, Nicoli Braz Siqueira¹, Livia Gonsalves Toledo¹.

¹Universidade do Vale do Paraíba/Faculdade de Educação e Artes, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova – 12244-000 – São José dos Campos-SP, Brasil, luca.almeida@univap.br, lu.wasiak.ilha@gmail.com, nicolibsiqueira@gmail.com, liviagt@univap.br.

Resumo

Este artigo analisa a performance de Ney Matogrosso no filme *Homem com H* (dir. Esmir Filho, 2025), buscando compreender como o corpo do artista se configura como dispositivo de resistência micropolítica à cis-heteronormatividade colonial. A pesquisa adota a metodologia de triangulação, articulando o contexto histórico da ditadura militar, a análise audiovisual de cenas selecionadas e a recepção contemporânea da obra, em diálogo com referenciais de Butler, Foucault, Guattari e Lugones. Os resultados indicam que as expressões corporais, figurinos e gestualidades do artista desestabilizam convenções de gênero, transformando a performance em prática estética e política. Constatou-se ainda que a obra ressoa para além de seu tempo, sendo reinscrita por novas gerações como repertório de dissidência e memória cultural. Conclui-se que a performance de Matogrosso reafirma a arte como espaço de criação de subjetividades e de transformação social.

Palavras-chave: Performatividade de gênero; Biopoder; Colonialidade; Linha de fuga; Ney Matogrosso.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas, Sociologia

Introdução

O regime autoritário instaurado pelo golpe civil-militar de 1964 perdurou no Brasil até 1985, caracterizando-se não apenas pela suspensão de direitos e repressão política, mas também pela regulação da vida privada e sexual. O aparato repressivo se articulava em torno da defesa da “moral e dos bons costumes”. Nesse cenário, a perseguição política dialogava diretamente com o controle moral, censurando as artes, disciplinando corpos e vigiando comportamentos considerados subversivos à ordem social. Práticas artísticas que evocavam erotismo, androginia ou questionamentos à família tradicional foram alvos constantes da repressão estatal (QUINALHA, 2020; BRITO, 2020).

É neste contexto repressivo que emerge a figura de Ney Matogrosso. O cantor, que se destacou a partir da década de 1970, utilizou figurinos extravagantes, maquiagem inspirada no teatro *kabuki* e gestualidades andróginas, confrontando diretamente a moralidade conservadora da ditadura. Sua trajetória artística consolidou-se como um símbolo de resistência cultural frente à repressão sexual e moral do regime (MARIA, 2014). A obra de Ney Matogrosso configura-se como uma “desidentificação carnavalesca” (NOGUEIRA, 2016), marcada por estratégias metamórficas que tensionam a ordem sexual binária herdada da colonialidade.

Dessa forma, o objetivo central deste artigo é investigar a performance do personagem de Ney Matogrosso no filme *Homem com H* (dir. Esmir Filho, 2025) como prática cultural de resistência micropolítica. A análise busca demonstrar como gestos, figurinos e posturas corporais se constituem em microatos políticos capazes de desestabilizar as normas institucionais, familiares, midiáticas e religiosas, em um Brasil historicamente marcado pela repressão.

Metodologia

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, centrada na triangulação teórico-prática. Esta combinação visa articular diferentes métodos e referenciais analíticos para garantir a complexidade interpretativa do objeto. A triangulação se materializa na articulação entre a revisão bibliográfica, a análise de conteúdo audiovisual do filme *Homem com H* (2025) e a interpretação hermenêutica das manifestações culturais como “textos” passíveis de leitura (GEERTZ, 1989).

O arcabouço teórico foi estruturado a partir de três eixos conceituais fundamentais, que serviram como lentes para interpretar as evidências empíricas da performance fílmica: (1) Performatividade de Gênero (BUTLER, 1990): Entende o gênero não como uma essência natural, mas como um constructo social reiterado por atos estilizados. A performance de Ney, ao desestabilizar os signos da masculinidade normativa com a estética andrógina, materializa este princípio, expondo as escolhas estéticas como atos políticos de contestação de normas. (2) Biopoder (FOUCAULT, 1979): Permite ler o corpo como um campo de controle e disciplina social, onde discursos sobre "moral e bons costumes" atuam como dispositivos de vigilância. Ao expor um corpo publicamente andrógino e erótico, Ney opera uma contracultura biopolítica que tensiona as práticas de normalização do regime. (3) Micropolítica (GUATTARI; ROLNIK, 1996): Postula que a resistência pode emergir em gestos cotidianos e "linhas de fuga". Os figurinos, a maquiagem e os maneirismos de Ney Matogrosso constituem microatos de subversão estética que, em sua repetição, criam fissuras na ordem normativa e espaços de liberdade.

Cabe destacar que a análise se concentra no personagem fílmico construído em *Homem com H*, que, embora inspirado em passagens biográficas de Ney Matogrosso, elabora uma narrativa ficcionalizada que reinterpreta sua figura artística a partir da linguagem cinematográfica.

Resultados

Este estudo analisou a performance de Ney Matogrosso a partir de três recortes interconectados: (I) sua atuação histórica durante a ditadura militar; (II) a reinterpretação fílmica em *Homem com H* (dir. Esmir Filho, 2025); e (III) a recepção contemporânea da obra. A triangulação metodológica, apoiada em conceitos como performatividade de gênero (BUTLER, 1990), biopoder (FOUCAULT, 1979) e micropolítica (GUATTARI; ROLNIK, 1996), forneceu o arcabouço conceitual necessário para compreender como o passado atravessa o presente, revelando a potência desestabilizadora dessa trajetória artística.

Três eixos conceituais estruturaram a análise, fornecendo as ferramentas para interpretar as evidências empíricas.

Primeiro, a performatividade de gênero (BUTLER, 1990) entende que o gênero não é uma essência natural, mas um constructo social reiterado por atos estilizados. A performance de Ney, ao desestabilizar as normas de masculinidade com seus figurinos, maquiagem e gestualidade, materializa esse princípio, mostrando que suas escolhas estéticas são atos políticos de produção (e contestação) de normas de gênero.

Em segundo lugar, a lente do biopoder (FOUCAULT, 1979) permite ler o corpo como um campo de controle e disciplina social. Na ditadura, os discursos sobre "moral e bons costumes" atuavam como dispositivos de vigilância. Ao expor publicamente um corpo andrógino e erótico, Ney operou uma contracultura biopolítica, tensionando diretamente as práticas de normalização do regime.

Por fim, o conceito de micropolítica (GUATTARI; ROLNIK, 1996) mostra que a resistência pode emergir em gestos cotidianos e linhas de fuga. Os figurinos, a maquiagem e os maneirismos de Ney Matogrosso constituíram microatos de subversão estética que, em sua reiteração, se tornaram fissuras na ordem normativa. Esses atos não apenas expressaram uma subjetividade dissidente, mas também criaram espaços coletivos de resignificação e liberdade.

A análise dos registros históricos, do filme e da recepção contemporânea revela que a performance de Ney Matogrosso constitui-se como um espaço privilegiado de resistência e de invenção de subjetividades dissidentes, especialmente no contexto da ditadura militar brasileira. Em suas próprias palavras, ao receber o Prêmio da Música Brasileira em 2017, o artista afirmou: "*eu estou aqui para desreprimir, eu sou um desrepressor!*" (MATO GROSSO, 2017 apud GODOI; ALMEIDA, 2023, p. 216). Tal afirmação demonstra como sua presença no palco extrapola os limites do entretenimento, configurando-se como uma intervenção micropolítica sobre corpos e normas sociais.

Nos anos 1970, a arte era alvo privilegiado do aparato censório da ditadura militar (NAPOLITANO, 2014). A performance de Ney, marcada pela maquiagem kabuki, figurinos exuberantes e maneirismos andróginos, foi um desafio frontal à normatividade sexual e de gênero. O histórico de censura corrobora essa tensão, evidenciando que sua obra era vista como subversiva. Além da censura estatal, Ney enfrentou uma "censura interna": a pressão de seus colegas do Secos & Molhados para que reduzisse a ousadia estética. A recusa de Ney demonstra que sua resistência ia além da esfera oficial, confrontando também a conformidade social. Assim, seu corpo performático se consolidou como um gesto de liberdade em múltiplas frentes.

O filme *Homem com H* (2025), dirigido por Esmir Filho, não busca uma reprodução factual, mas uma tradução estética da ousadia de Ney. Conforme declarou o diretor, a obra foi concebida como um "tributo vibrante e afrontoso". A atuação de Jesuíta Barbosa, que equilibra vulnerabilidade e exuberância, foi fundamental. A escolha de manter grande parte das canções dubladas pelo próprio Ney cria uma sobreposição entre real e ficcional, tornando o longa um ato performativo que reinscreve a luta de Ney contra identidades fixas. Dessa forma, o filme rearticula o passado à luz do presente, traduzindo a desestabilização da masculinidade hegemônica em linguagem cinematográfica e reforçando o caráter político da performance.

A análise da performance do personagem Ney Matogrosso no filme *Homem com H* (dir. Esmir Filho, 2025) foi organizada segundo três eixos de triangulação: (I) o contexto histórico da ditadura e da repressão cultural; (II) a análise audiovisual de cenas selecionadas do longa; e (III) a recepção contemporânea da obra. Essa abordagem evidenciou como os gestos, figurinos e posturas corporais do artista constituem-se em microatos políticos capazes de desestabilizar a cis-heteronormatividade colonial.

As cenas iniciais do filme retomam episódios da infância e juventude de Ney, marcados pela violência paterna e pela imposição de um ideal militarizado de masculinidade. Na **Cena A (00:04:30–00:05:00; Ficha A no Apêndice)**, o pai agride o filho em público, tentando "fazer dele um homem" pela disciplina e pelo controle corporal. Esse gesto ilustra o que Foucault (1979) denomina biopoder: o corpo infantil é transformado em objeto de vigilância e adestramento, reproduzindo a colonialidade de gênero (LUGONES, 2008). A **Cena C (00:10:30–00:11:42; Ficha C no Apêndice)**, em que Ney é expulso de casa, simboliza a ruptura definitiva com a ordem familiar autoritária, instaurando sua trajetória de dissidência estética e existencial. Essa dimensão histórica revela que a performance futura do artista emerge de um contexto de repressão, em que a recusa às normas foi também sobrevivência.

O núcleo central da análise recai sobre as cenas de performance. Na **Cena F (00:39:41–00:40:48; Ficha F no Apêndice)**, Ney anuncia sua intenção de "colocar o corpo" no palco, antecipando a estética corporal que marcaria sua carreira. Esse gesto se concretiza na **Cena G (00:42:00–00:43:00; Ficha G)** e na **Cena H (00:44:10–00:45:02; Ficha H)**, quando a maquiagem kabuki, os figurinos exuberantes e os movimentos sensuais criam uma estética de ruptura. Pela lente de Butler (1990), tais atos performativos desestabilizam a naturalização do gênero, expondo-o como repetição estilizada.

A resistência é reforçada na **Cena I (00:45:10–00:45:52; Ficha I)**, quando Ney responde a insultos homofóbicos com ironia corporal, transformando o ataque em combustível performativo. Na **Cena J (00:45:20–00:46:21; Ficha J)**, o conflito interno com integrantes da banda explicita que a resistência não se limitava ao Estado, mas também confrontava a normatividade cultural e midiática. Já na **Cena K (00:46:40–00:47:50; Ficha K)**, o artista encara a câmera em desafio direto às regras televisivas, rompendo a barreira entre palco e público. Esse gesto traduz o que Guattari e Rolnik (1996) denominam micropolítica: pequenas fissuras estéticas que corroem estruturas normativas.

Por fim, as **Cenas M, N e P (00:54:10–00:58:45; Fichas M, N e P)** ampliam a potência simbólica da performance. Ao incorporar elementos rituais, eróticos e híbridos entre humano e mítico, Ney transforma seu corpo em território de transgressão, criando linhas de fuga frente à cis-heteronormatividade colonial. Nessas passagens, a performatividade não apenas contesta normas, mas cria novas subjetividades, tensionando o espaço entre prazer, política e espiritualidade.

A triangulação se completa com a análise da recepção contemporânea. O filme alcançou grande audiência, liderando bilheterias e tornando-se um dos mais assistidos na Netflix Brasil (TERRA, 2025). A viralização do vídeo em que o estudante baiano Yago Savalla recria a performance em uma festa junina escolar exemplifica como a memória performática de Ney se reinscreve no presente. Inspirado pela estética do artista, o jovem produziu sua própria versão, confirmando que a performance não gera simples imitação, mas abre espaço para reinvenções. Nesse sentido, Landsberg (2004) argumenta que a cultura midiática produz "memórias protéticas", experiências incorporadas por sujeitos que não viveram diretamente os eventos originais, mas que os atualizam em novos contextos.

A recepção de *Homem com H* confirmou que a obra de Ney permanece viva e ressignificada. O filme liderou bilheterias e alcançou o topo da Netflix Brasil, ampliando o alcance de sua estética dissidente para o grande público. O episódio mais emblemático, porém, foi a viralização de um estudante baiano, Yago Savalla, que recriou a performance em uma festa junina escolar. O vídeo, que alcançou mais de 1,4 milhão de visualizações, foi celebrado pelo próprio artista: "Você não me copiou; inspirado em mim, criou a sua própria performance" (CAMPO GRANDE NEWS, 2025). Esse gesto ilustra a tese central: a performance de Ney não gera imitação, mas inspira reinvenção. O palco dos anos

1970, a tela do cinema em 2025 e a rede social contemporânea constituem uma cadeia contínua de atos performativos que, em cada contexto, produzem micropolíticas de subjetivação e resistência.

Essa recepção evidencia que a obra de Ney Matogrosso transcende sua época: do palco da ditadura, à tela do cinema, até as redes sociais contemporâneas, a performance se reatualiza como gesto político e cultural, ampliando o repertório de subjetividades dissidentes.

Discussão

Os resultados indicam que a performance de Ney Matogrosso, tanto em seu contexto histórico quanto na releitura fílmica de *Homem com H* (2025), confirma o corpo como território político e estético de resistência. A análise triangulada demonstrou que episódios de repressão na infância e juventude (FOUCAULT, 1979; LUGONES, 2008) constituíram o pano de fundo para a criação de um estilo performático que, pela performatividade de gênero (BUTLER, 1990), desestabilizou categorias naturalizadas de masculinidade.

A leitura audiovisual das cenas reforçou a dimensão micropolítica das performances (GUATTARI; ROLNIK, 1996), em que gestos, figurinos e maneirismos funcionaram como linhas de fuga frente à cis-heteronormatividade colonial. Esse processo não apenas tensionou os limites da arte sob censura, mas também produziu subjetividades dissidentes e práticas de liberdade (SILVEIRA; FURLAN, 2003; NOGUEIRA, 2016).

Na recepção contemporânea, o filme e sua viralização nas redes evidenciam o que Landsberg (2004) chama de memória protética: a atualização coletiva de experiências artísticas em novos contextos, o que amplia a inteligibilidade de corpos dissidentes no presente. Assim, a trajetória performática de Ney não permanece como registro histórico, mas como um repertório vivo de resistência e reinvenção, atravessando diferentes gerações e meios.

Conclusão

A performance de Ney Matogrosso, tal como reencenada em *Homem com H* (2025), confirma a potência do corpo como linguagem capaz de atravessar tempos e desafiar fronteiras. Suas expressões, aparentemente pequenas e íntimas, reverberam como ondas culturais, lembrando-nos de que o gesto individual pode produzir abalos na ordem coletiva. O “efeito borboleta” de sua arte mostra que cada movimento, cada olhar e cada ruptura estética carregam a possibilidade de transformação social.

Ao tensionar os limites da masculinidade, do gênero e da sexualidade, Matogrosso amplia o horizonte de inteligibilidade dos corpos, convertendo sua arte em política e sua política em poesia. Nesse percurso, revela que a performance é também memória e futuro, um espaço onde resistências se inscrevem e subjetividades se reinventam.

Esse estudo, ao iluminar a micropolítica de sua obra, aponta ainda para novos caminhos: compreender como outras expressões artísticas e corporais, em diferentes contextos, podem funcionar como dispositivos de resistência, multiplicando linhas de fuga frente às normas que buscam controlar a vida. Assim, a trajetória performática de Matogrosso não se encerra em sua própria história, mas abre um campo fértil para futuras pesquisas sobre corpo, arte e transformação social.

Referências

- BORBA, Rodrigo. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 43, p. 441–474, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/T86yvM4tkCzZts3kVwqKPQG/?lang=pt>. Acesso em: 21 ago. 2025.
- BUTLER, Judith. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. Routledge, 1990.
- BRITO, Antonio Maurício Freitas. *A subversão pelo sexo: representações anticomunistas durante a ditadura no Brasil*. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 36, n. 72, p. 859-888, set./dez. 2020. DOI: 10.1590/0104-87752020000300010.

BARBIERI, Miguel. O Ney Matogrosso de Esmir Filho. **Revista Cult**, São Paulo, 18 ago. 2025. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/o-ney-matogrosso-de-esmir-filho/>. Acesso em: 21 ago. 2025.

DENZIN, N. K. The Research Act: A Theoretical Introduction to Sociological Methods. New York: McGraw-Hill, 1978. Acesso em: 21 ago. 2025.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FANON, F. **Os condenados da terra**. Tradução: Lígia Fonseca Ferreira; Regina Salgado Campos. Rio de Janeiro: Zahar, 2022. ISBN 978-65-5979-084-5.

FERREIRA NETO, João Leite. Micropolítica em Mil Platôs: uma leitura. **Psicologia: Teoria e Pesquisa** (Psicologia USP), São Paulo, v. 26, n. 3, p. 397–406, 2015. DOI: 10.1590/0103-656420140009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psp/a/PGHR9Zd5hn9Sb3fWPb4k9cy/>. Acesso em: 21 ago. 2025.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GSHOW (Rede Globo). **“Homem com H”: cinebiografia de Ney Matogrosso ganha cartaz de divulgação**. Rio de Janeiro, 25 mar. 2025. Disponível em: <https://gshow.globo.com/cultura-pop/filmes/noticia/homem-com-h-cinebiografia-de-ney-matogrosso-ganha-cartaz-de-divulgacao-veja.ghtml>. Acesso em: 21 ago. 2025.

GODOI, Rodolfo Luiz Costa de; ALMEIDA, Tânia Mara Campos de. Recepção da performance artística de Ney Matogrosso por homens homossexuais e bissexuais. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 54, n. 1, p. 215–238, 2023. DOI: 10.36517/rcs.54.1.a04.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996. Acesso em: 21 ago. 2025.

GEERTZ, Clifford. **Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar; LTC, 1989. cap. 1, p. 13–41. Disponível em: <https://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/GEERTZ%2C%20%281989%29%20P.1341.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2025.

HOMEM COM H. Direção: Esmir Filho. Brasil: Paris Filmes, 2025. 1 filme (120 min). Cinebiografia. Disponível em: <https://www.imdb.com/pt/title/tt35301431/>. Acesso em: 21 ago. 2025.

LANDSBERG, Alison. **Prosthetic Memory: The Transformation of American Remembrance in the Age of Mass Culture**. New York: Columbia University Press, April 2004

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 311–318. (Versão em português do ensaio Coloniality and Gender, publicado originalmente em Tabula Rasa, 2008). Disponível em: <https://cpdel.ifcs.ufrj.br/wp-content/uploads/2020/10/Maria-Lugones-Colonialidade-e-genero.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2025.

MARIA, Julio. **Ney Matogrosso: a biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. Acesso em: 21 ago. 2025.

MEIRELLES, Rodrigo; IANNI, Áurea Maria Zöllner. **O preventivismo e os homossexuais no contexto da ditadura militar brasileira: uma análise a partir das contribuições de Sérgio Arouca**. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 24, e200043, 2020. DOI: 10.1590/Interface.200043.

NAPOLITANO, Marcos. **1964: história do regime militar brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014. Acesso em: 21 ago. 2025.

NAPOLITANO, Marcos. **A história política do golpe de 1964 e do regime militar: balanços e perspectivas**. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 16, n. 42, e0301, 2024. DOI: 10.5965/2175180316422024e0301. Acesso em: 21 ago. 2025.

NOGUEIRA, Fernanda. **Metamorfose ambulante: a desidentificação carnavalesca de Ney Matogrosso na ditadura brasileira**. *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v. 18, n. 4, p. 769-787, 2016. DOI: 10.20396/etd.v18i4.8646425. Acesso em: 21 ago. 2025.

OLIVEIRA, Dennis de. Frantz Fanon, racismo e pensamento descolonial. *Revista CULT*, São Paulo, 10 mai. 2018. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/fanon-racismo-e-pensamento-descolonial/>. Acesso em: 21 ago. 2025.

PRECIADO, P. B. **Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. Tradução: Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

QUINALHA, Renan. **Censura moral na ditadura brasileira: entre o direito e a política**. *Revista Direito e Práxis*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 1727-1755, 2020. DOI: 10.1590/2179-8966/2019/44141.

QUINALHA, Renan Honório. **Contra a moral e os bons costumes: a política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)**. 2017. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SILVEIRA, Fernando de A.; FURLAN, Reinaldo. Corpo e Alma em Foucault: postulados para uma metodologia da Psicologia. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 171–194, 2003. DOI: 10.1590/S0103-65642003000300012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/MB7sG7z3wjjwcsBDL8fZ7fL/>. Acesso em: 21 ago. 2025.

SILVA, Daniel da. Dude Sings Like a Lady: Countertenor Trans Formations / "Mãe preta (Barco negro)" e interseções queer, indígenas e afro-brasileiras em Ney Matogrosso. *Journal of Lusophone Studies*, v. 4, n. 1, 2019. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/ceeb/6de31d1e231f918af9834ede7edac521c305.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2025.

TERRA. *Homem com H se torna o filme mais assistido da Netflix em apenas 4 dias*. São Paulo, 21 jun. 2025. Disponível em: <https://www.portugues.com.br/redacao/anoticiamgenerotextualcunhojornalistico.html>. Acesso em: 08 set. 2025.

TOLEDO, Livia Gonsalves. **“Será que eu tô gostando de mulher?”: tecnologias de normatização e exclusão da dissidência erótica feminina no interior paulista**. Tese (Doutorado em Psicologia) — Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis, 2013. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/105610/toledo_lg_dr_assis.pdf. Acesso em: 21 ago. 2025.

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora, Livia Gonsalves Toledo, cuja escuta generosa e trajetória pública, como pessoa não-binária e referência, foram âncora e inspiração na minha formação. Sou grato por ter me apresentado uma psicologia situada, transformando meu modo de pensar e atuar.